

THE IMMIGRANT / 1917 O Emigrante

Um filme de Charles Chaplin

Argumento: Charles Chaplin / *Cenários:* E. T. Mazy / *Música desta versão:* não identificado / *Interpretação:* Charles Chaplin (*o emigrante*), Edna Purviance (*a jovem emigrante*), Kitty Bradbury (*a mãe dela*), Albert Austin (*o emigrante russo; o vizinho de Charlot no restaurante*), Henry Bergman (*a mulher gorda no navio; o pintor no restaurante*), Eric Campbell (*o criado do restaurante*), Stanley Sanford (*o batoteiro e ladrão*), John Rand (*o cliente sem dinheiro*), Frank J. Coleman (*o comissário de bordo; o dono do restaurante*), Loyal Underwood (*o jogador amedrontado*), James T. Kelly (*o cliente com a moeda falsa*), Tom Harrington (*o pastor*).

Produção: Mutual / *Cópia:* da Cinemateca de Bolonha, digital (transcrito do original em 35 mm), preto e branco; musicada, com intertítulos em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 25 minutos / *Estreia mundial:* 17 de Junho de 1917. *Estreia em Portugal:* data não identificada. Primeira apresentação na Cinemateca a 27 de Maio de 1989, no âmbito do ciclo "Charles Chaplin".

The Immigrant é exibido juntamente com **Canyon Passage** ("folha" distribuída em separado)

Chaplin realizou o seu primeiro filme em 1914 e **The Immigrant** mostra-nos o seu estilo já totalmente cristalizado, com uma intriga dramática e não apenas uma série de proezas físicas, como nos seus primeiros e extraordinários filmes, o que foi o patamar definitivo para a sua passagem às longas-metragens. Tendo começado na *troupe* de Mack Sennett, verdadeiro criador da escola burlesca americana, com filmes em que reinava a mais absoluta fantasia, Chaplin separou-se dele um ano depois e, outros doze meses mais tarde, passava a trabalhar numa terceira empresa produtora. Foi neste período de apenas três anos, entre 1914 e 1917, que ele realizou as quarenta e oito curtas-metragens que bastariam para lhe dar um lugar central na história do cinema (foi co-realizador de cinco outras e apenas ator em mais onze). Como resumiu Georges Sadoul, a propósito da evolução de Chaplin nos seus três primeiros anos no cinema: na Keystone, em 1914, "*reinavam as perseguições e as tantes na cara dos parceiros*"; nos filmes feitos para a Essanay, em 1915, "*os efeitos óbvios e a ferocidade passam para o segundo plano*"; mas é nos filmes feitos para a Mutual, em 1916-17 que Chaplin "*atravessa o abismo que separa o talento do génio*". É neste período, em que "*se torna tão célebre quanto Napoleão e Sarah Bernhardt*" (Louis Delluc), ao qual pertence **The Immigrant**, que Chaplin torna-se perfeccionista, apurando cada vez mais a execução dos seus efeitos, que deixam de ser puramente cómicos. E o ritmo narrativo, que no cinema burlesco ou cómico tem de ser especialmente preciso (um segundo a mais ou menos pode arruinar por completo um *gag*), fez dele um grande montador, embora sem efeitos ostensivos. Jean-Marie Straub chegou a afirmar que "*muita gente pensa que Eisenstein é o maior montador porque tem algumas teorias sobre o assunto, mas não é verdade. Na minha opinião, Chaplin era maior montador do que ele, apenas não era tão óbvio. Chaplin era mais preciso do que Eisenstein*". Basta observar o jogo de situações entre Charlot e o empregado do restaurante, para vermos a que ponto a montagem é precisa e cada gesto tem o efeito

necessário. É também neste período na Mutual, entre 1916 e 1917, que se instala de modo definitivo o aspecto visual do personagem de Charlot: o chapéu, a bengala, o andar de pato. Quanto ao seu bigodinho, teve o curioso destino de ser copiado pelo maior criminoso da História, cujo aspecto grotesco seria ridicularizado por Chaplin, num filme anterior aos seus maiores crimes.

A sofisticação a que chegara a arte de Chaplin neste período é exemplificada por um filme como **One A.M.**, de 1916, em que ele está sozinho na tela durante quase todos os dezassete minutos da ação, que consiste nos esforços de um homem que bebeu mais do que devia em entrar em casa e ir para a cama. Pode-se notar também que desde que começara a fazer filmes Chaplin exercera as mais variadas profissões no écran: assistente de dentista, empregado de mesa, figurante e aderecista de cinema, pintor (de quadros a óleo e de paredes), porteiro, aprendiz de padeiro, empregado de uma empresa de mudanças, pugilista, marinheiro, assaltante de casas, bombeiro. Além de suscitar uma bela variedade de situações cómico-absurdas, isto reflete a enorme e inevitável variedade de profissões exercidas por aqueles que emigram para qualquer país, em busca de uma vida melhor. Em **The Immigrant** (inacreditavelmente intitulado **Charlot Voyage** em França!) ele revive uma situação que conhecera pessoalmente: a do imigrante. Chaplin não chegou aos Estados Unidos sozinho e à cata de um emprego, como outros. Veio, aos dezanove anos, como membro de uma *troupe* de teatro musical, mas viu certamente de perto situações como as que transpôs para este filme.

À exceção do sentimentalismo, todos os elementos formais e narrativos que compõem as suas futuras longas-metragens estão reunidas aqui. **The Immigrant** tem uma estrutura narrativa em duas partes, com dois espaços contrastantes: o mar e a terra firme; o barco, sempre a jogar, no céu aberto do tombadilho; o espaço fechado do restaurante (um espaço não anódino: quem emigra é porque não tem o que comer), onde todas as ilusões dos imigrantes são desfeitas, depois de terem sido satirizadas pelo olhar do protagonista sobre a Estátua da Liberdade. Do movimento do barco à imobilidade da mesa de um restaurante, da esperança à desilusão, o filme provoca tanto o riso quanto a admiração do espectador. No seu clássico *Tout Chaplin*, Jean Mitry vê em **The Immigrant** um momento-charneira na obra de Chaplin, a partir do qual *“o elemento cómico só terá pontos de apoio em situações trágicas. O próprio elemento burlesco só surge em relação ao drama, refletindo-o numa deformação paródica, irónica ou sarcástica”*. Charles Chaplin não começou pelo resultado, seguiu uma evolução, que desembocou num novo horizonte cuja configuração ele não conhecia à partida. Esta é uma das razões que fez com que o seu cinema tenha atravessado o tempo, tenha durado, esteja vivo ao cabo de mais de um século e de todas as banalizações pelas quais o seu personagem passou.

Antonio Rodrigues